

## PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM SÃO RAIMUNDO NONATO – PIAUÍ NOVOS DADOS

*Niède Guidon\**

País que não desenvolve a sua própria ciência e sua tecnologia, é um país condenado a viver eternamente em condições inferiores. Em decorrência da situação econômica do Brasil e do atraso na liberação dos recursos para a pesquisa, nos dois últimos anos tivemos que fazer escolhas e forçadas estabelecer prioridades. Tivemos, por exemplo, que abrir mão da formação dos alunos de Pós-graduação embora a Fundação receba, anualmente, um bom número de pós-graduandos da Universidade Federal de Pernambuco, da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Piauí. Nestes dois anos ficamos com aqueles alunos que já tinham começado suas teses, que tinham bolsas e que tinham prazos. Continuaram assim a se beneficiar de apoio para poder terminar no prazo certo suas teses. Infelizmente outros foram recusados por falta de recursos. Estabelecemos a prioridade de não perder os técnicos locais, profissionalizados pela Fundação, pois temos técnicos que formamos e que hoje são excelentes topógrafos, desenhistas, escavadores; são pessoas da região, e que antigamente passavam as épocas de seca, cortando cana em Goiás ou trabalhando em São Paulo. Para não perdê-los tivemos que concentrar os poucos recursos mantendo-os, para que a pesquisa pudesse voltar a ser o que era, o que espero acontecer quando tudo voltar a ser normal no País.

Desde 1991 até agora, o que aconteceu em São Raimundo Nonato? Foi realizada a análise do material do Sítio do Boqueirão da Pedra Furada. Do qual temos uma sequência estratigráfica longa, com 55 datações de C 14. Era o objeto da tese de um dos nossos alunos. Esse estudo foi terminado em 1992 e a tese foi apresentada em fevereiro deste ano em Paris. Foi trabalho muito importante e muito longo. A escavação terminou em 1988 e a análise do material foi terminada em 1992, porque se tratando de um sítio polêmico, no qual temos datas

\* FUMDHAM.

extremamente antigas, tivemos que tomar todos os cuidados para que fosse extremamente detalhada para que não pudesse restar dúvidas sobre a origem humana desses vestígios e das estruturas que foram encontradas no Sítio. A comissão examinadora, foi unânime em considerar que as provas eram evidentes e elas estão disponíveis em São Raimundo Nonato, e guardamos um testemunho da estratigrafia para que qualquer colega, possa vir verificar. Atualmente estamos preparando uma publicação coletiva na qual constará a parte relativa às escavações e a análise do material lítico, a parte relativa às pinturas rupestres do Sítio, que tem mais de 1.100 figuras, e a parte de descrição do meio ambiente e da gênese do próprio sítio.

Estavamos escavando atualmente um outro sítio em São Raimundo Nonato. Temos três sítios para os quais as sondagens feitas em 1978 haviam dado datas antigas, anteriores a 12 mil anos. Um deles é a Pedra Furada onde consideramos a escavação terminada, mas reservamos um terço do sítio sem escavar. Fizemos obras para salvar o que resta porque a Fundação adotou como política não deixar os sítios que ela escava com os buracos abertos. Faremos obras de manutenção para que, assim, os sítios sejam preservados.

Temos mais dois sítios nos quais foram realizadas sondagens e nos quais obteve-se datas muito antigas e que são: o Sítio do Meio e o Sítio do Caldeirão do Rodriguez. O Sítio do Meio havia oferecido uma data, da ordem de 15 mil anos e o Caldeirão do Rodriguez de 18 mil anos.

Voltamos a escavar o Sítio do Meio, procurando estabelecer a estratigrafia completa. Optamos por uma técnica de escavação por setores, deixando cada setor com uma amostra de determinado período cultural. Este sítio foi usado por mais de trinta anos pelos agricultores locais atuais, os sertanejos, como local para farinha. Existiam ruínas de um forno de farinha que foi preservado. Deixamos também um setor do sítio (setor 4) do holoceno, e outro setor na passagem do holoceno ao pleistoceno. No outro setor (setor 2) fomos até as últimas ocupações, e finalmente, numa área fomos até a base rochosa para evidenciar o processo de formação desse sítio. Por que optamos por essa técnica de escavação? Porque recebemos perguntas de colegas americanos indagando a razão de termos o sítio do Boqueirão da Pedra Furada com uma estratigrafia tão longa e os outros sem essa estrati-

grafia. Como se fosse necessário que todos os sítios tivessem a mesma história.

Estamos trabalhando em São Raimundo Nonato estabelecendo a gênese de cada um dos sítios, para poder demonstrar que o fato de encontrarmos uma estratigrafia longa não depende unicamente de ter ocorrido a presença humana. Isso depende também das condições climáticas e topográficas que permitiram ou não a preservação dos vestígios do Pleistoceno.

O Sítio do Meio é um sítio em que suspendemos as escavações, as quais serão retomadas se aparecer um aluno que o quiser tomar como tema de sua tese. É um sítio muito importante. O estado atual da escavação permite demonstrar que, por volta de 20 mil anos, quando o clima no Piauí era extremamente úmido, com vegetação de tipo tropical úmido, um rio ocupava esse vale que hoje é apenas, um boqueirão seco. O rio ia de um lado a outro do vale, que é um vale que pode ser classificado do tipo de *Cannyon*; nas épocas mais chuvosas, as águas desse rio vinham lambendo a parede do sítio, no paredão da *cuesta*. Pouco a pouco foi solapando o arenito da base, formando um teto que terminou por cair. Esse paredão soterrou a margem do rio na qual existiam algumas fogueiras e essas fogueiras é que me deram a data de 20 mil anos.

Quando o paredão caiu, formou uma espécie de imenso muro, entre a parte interior do sítio e o vale. O rio passou então a ter esse obstáculo e desviou-se. Isso se passou por volta de 20 mil anos. É importante esse registro porque entre 20 e 22 mil anos datamos, na Pedra Furada, imensas quedas de blocos, evidenciando na região clima extremamente chuvoso. Acrescento que esses dados, obtidos pelas escavações arqueológicas, estão sendo confirmados por um grupo de físicos alemães que trabalham na Universidade Federal do Ceará, datando o lençol freático do Piauí e que têm encontrado as mesmas datas que nós encontramos para os aportes de água e para o fim do período pluvial.

Depois que o paredão caiu e formou um espaço reservado entre a parede do sítio e a caída de blocos, o homem ali se instalou e, a partir dessa época, começam os vestígios humanos. No Sítio do Meio, portanto, não poderemos ter nada mais antigo que 20 mil anos porque, até 20 mil anos, o rio passava dentro do sítio onde havia acampamen-

tos provisórios de beira rio. Há uma pequena praia de areia muito branca e fina na qual é possível encontrar resquícios de fogueiras, mas deve ser considerado que tudo aquilo foi lavado pelo rio.

Para o holoceno temos resultados absolutamente surpreendentes. Na Arqueologia brasileira e na Arqueologia americana, não é só no Pleistoceno que estamos necessitando de escavações em larga escala com controle estratigráfico bem feito e controle da distribuição espacial. O Holoceno também pode trazer resultados muito interessantes.

Quando comecei a trabalhar no Nordeste, estabelecia-se genericamente que a cerâmica aparecera na região por volta de 500 anos. Em São Raimundo Nonato já encontramos cerâmica com até 3 mil, 3300/ 3400 anos, e, em 1992, e agora em 1993, voltamos a encontrar cerâmica no Sítio do Meio, em fogueiras datadas pelo C 14, de 8960 anos, ou seja, temos agora, cerâmica no Nordeste do Brasil datada de 8960 anos BP.

Isso faz com que possamos colocar hoje o homem americano no mesmo pé de igualdade com o homem de todos os continentes. Até agora o continente americano era uma espécie de aberração; o homem tinha chegado aqui muito tardiamente, retardado nos dois sentidos da palavra, só sabendo fazer coisas muito recuadas na técnica. A cerâmica apareceu no Japão há 12 mil anos. Temos cerâmica na África há 10 mil anos. No Próximo Oriente entre 8 e 9 mil anos e, hoje, temos na América datações seguras de 8960 anos. Estamos, portanto entrando na normalidade dos resultados.

A escavação do Sítio do Meio prosseguiu, e a 15 cm debaixo de camada na qual encontramos a cerâmica, foi achado um machado de pedra polida, abaixo de uma camada datada de 8960 B.P., absolutamente *in situ*, em uma camada holocênica, sem nenhum traço de passagem de torrente, isto é numa camada que se depositou dentro de um sítio que está isolado por um muro de imensos blocos sendo que o sedimento que a formava, era sedimento fino caído do teto de arenito do abrigo, sem nada do exterior.

Temos, portanto, um machado de pedra polido, inteiro, com traços de encabamento, numa camada que foi datada de 9.200 anos. Dentro dessa fogueira, além da cerâmica e do machado de pedra polida, encontramos também contas, inúmeras contas, de um colar feito de grãos perfurados de gramíneas.

Esses dados são extremamente importantes para o Holoceno,

mas, como já disse, paramos a escavação e estou esperando que um aluno de pós-graduação queira tomar esse sítio com a mesma responsabilidade com que a Pedra Furada foi tomada, para com nossa orientação elaborar sua tese de doutorado.

Prosseguimos e terminamos a escavação em um outro sítio que se chama Toca do Garrincho, que é uma gruta profunda, na qual chegamos até uma profundidade de 17 metros, com galerias inferiores que estão inundadas d' água. Apesar da seca, com falta d' água até para se beber, nas profundezas do calcário, das formações cársticas, existem reservas de água subterrânea. Encontramos a megafauna junto à água. Esse sítio é extremamente importante porque as camadas onde existem restos de megafauna estão seladas por um soalho estalagmítico. Esse soalho foi datado de 10 mil anos, o que quer dizer que tudo que está abaixo é mais antigo que 10 mil anos. Não temos datações diretas para os fósseis porque, aparentemente, eles não têm mais matéria orgânica. Está sendo difícil encontrar um método para datá-los diretamente, mas encontramos um pedaço de parietal humano extremamente espesso. Esse parietal está sendo estudado pelo professor Yves Coppens, que num primeiro pronunciamento, adianta que possa se tratar de um *sapiens* arcaico. Estamos, por enquanto, aguardando a publicação do Prof. Coppens em relação ao assunto. Encontramos também dois molares humanos. Sabemos a importância do achado de vestígios humanos para a Arqueologia Americana e é o que estamos fazendo agora nas cavernas da região: buscar restos humanos junto à megafauna.

Na Toca de Cima dos Pilão, que já havia sido objeto de uma pré-escavação, retomamos o trabalho para tentarmos encontrar a base rochosa. Nós Encontramos finalmente a base rochosa, que foi atingida a uma profundidade de dez metros e meio. Foi encontrado, também, nesse sítio, uma grande quantidade de material da fauna fóssil. Temos uma fogueira datada de 10 mil anos, que estamos tentando também datar através da calcita e do material fóssil de uma fauna que é extremamente rica, e variada, inclusive com espécies novas. Este ano foram achados ossos de um urso de grande tamanho e já tínhamos, anteriormente os de urso pequeno. Várias espécies de preguiças gigantes foram também classificadas, além da confirmação de que o animal dominante nessa paisagem, era a paleolhama, seguida do cavalo, do mastodante e da preguiça.

Esses são, resumidamente, os resultados das escavações da Fundação Museu do Homem Americano, nesses dois anos. Nossos planos para o futuro imediato são primeiramente escavar o terceiro sítio para o qual temos datações muito antigas, a Toca do Caldeirão do Rodriguez. A escavação desse sítio representa custos muito grandes porque temos de fazer escaladas. Todo o material terá que ser levantado com cordas e levado por nove quilômetros a pé. Todos sabem a quantidade de equipamento e de material necessário para uma escavação de grande porte: alimentação, inclusive água, equipamento especializado, etc. É muito difícil mas vamos procurar fazê-lo. Além do projeto do Sítio do Meio, se houver ainda pós-graduando que se interesse, terminaremos a escavação da Toca de Cima dos Pilão, para encontrar as galerias inferiores desse sistema cárstico. No Garrincho, se os recursos permitirem, vamos instalar um sistema para evacuar a água e podermos assim entrar nas galerias inferiores para verificar se nelas existem vestígios da presença de megafauna.

Esse é o programa no que diz respeito à pesquisa arqueológica e paleontológica. Além das pesquisas, a FUMDHAM tem a responsabilidade da proteção e da implementação do parque Nacional Serra da Capivara. O governo Federal criou esse parque para proteção dos sítios arqueológicos e a Fundação foi encarregada pelo IBAMA de estabelecer o Plano de Manejo. O Plano foi terminado e entregue em 1991 e nele a Fundação definiu a política de preservação e de defesa do Parque. A nossa política está baseada na premissa de que é impossível defender o meio ambiente e o patrimônio cultural quando a população local passa fome. A população local depreda a natureza por absoluta necessidade e a única fonte de renda que tem é vender araras, vender papagaios, vender couro de onça e os animais são a comida que dão às crianças que, geralmente não tem o que comer. Para tentar mudar essa situação a FUMDHAM está devidamente autorizada pelo governo Federal, captando recursos tanto no exterior como no Brasil, para implantar na região o turismo ecológico e cultural. Para desenvolver atividades que possam dar produtividade e rentabilidade a essa população, como a apicultura e as diferentes indústrias ligadas ao turismo, como a indústria de artefatos de artesanato, utilizados como souvenir, criamos em torno do Parque Nacional núcleos de apoio a comunidade. Já temos três instalados e em funcionamento, construídos

em povoados cuja população vivia apenas da exploração da área do parque Nacional. Nesses núcleos funcionam um posto de saúde, uma escola e uma residência para os professores. As crianças têm atendimento integral, pois chegam pela manhã e recebem três refeições. Recebem um tipo de ensino que estamos adaptando à sua realidade social e que pedagogicamente seja do mais alto nível possível. Aprendem também técnicas de artesanato, como a cerâmica ou bordado para as mulheres. Estamos, assim, procurando uma maneira de que essa população não tenha mais necessidade de depredar o Parque Nacional.

Contamos com a cooperação de diversos ministérios e do Governo do Estado do Piauí, que construiu um hotel e o entregou à Fundação em regime de comodato, para que os recursos obtidos desse hotel possam servir para manter escolas e postos de saúde.

A Fundação solicitou ao IBAMA a administração integral do Parque, pois entendemos que um Parque Nacional administrado com visão empresarial, uma visão privada, pode ser autosuficiente e pode ser o motor do desenvolvimento de uma região, podendo assim financiar o ensino e a própria pesquisa na região aliviando os encargos públicos.

Temos o exemplo das populações pré-históricas que viveram nessa área e que eram muito mais numerosas. Tíham um nível de vida espiritual, intelectual e mesmo material, superior aos de populações atuais. Queremos, utilizar os recursos que são realmente rendosos na região, e desejamos que os sítios arqueológicos sejam utilizados de maneira racional, com a devida proteção às pinturas rupestres e ao meio ambiente. Os sítios só são visitados quando estão preparados para a visitaçãõ e protegidos da depredaçãõ, sem se esquecer que o homem atual faz parte do meio ambiente. O homem nada mais é do que um dos elementos desse ecossistema. Temos que integrar essas populações no manejo do Parque Nacional porque elas fazem parte da vida da região e são parte da vida desta Nação. Muito obrigada.

*André Prous*

Niède, primeiro queria dar-lhe meus parabéns pelo lindo trabalho que você faz junto com a população e para a preservação dos sítios. Eu não pretendo aqui discutir detalhes arqueológicos. Mas eu acho que não

sou o único, nem você a única a ter problemas de preservação de sítios, e gostaria de saber se você já tem um documento ou um Plano de Manejo do Parque da Capivara, que possa ser utilizado, eventualmente, como modelo para outros casos? Nós temos o caso de Peruaçu. Estamos batalhando junto ao IBAMA para termos também um Plano de Manejo. E certamente sua experiência seria muito preciosa.

*Niède Guidon*

Não podemos ainda publicar o Plano de Manejo do Parque Nacional porque ele foi feito por encomenda do IBAMA. Portanto é um produto intelectual que pertence ao IBAMA. Ele deverá ser analisado pela Comissão Nacional do Meio Ambiente, e depois de aprovado pela comissão, deverá ser publicado pelo próprio IBAMA.

O Plano de Manejo do Parque Nacional não foi feito nos mesmos moldes dos outros parques nacionais brasileiros. Não segue a orientação tradicional do IBAMA, e tivemos até dificuldades com isso. Fomos inicialmente conhecer os parques nacionais da Austrália e dos Estados Unidos. Consultamos também a bibliografia dos parques nacionais africanos. O manejo do Parque Nacional da Serra da Capivara é, portanto, completamente diferente dos outros parques nacionais pois o IBAMA tem uma política conservacionista desatualizada: tratando-se de um parque nacional não se pode mexer lá dentro. Mas estamos numa região semi-árida e atualmente temos três anos sem chuvas e não existe mais água dentro do Parque. No nosso plano de manejo prevemos a construção de reservatórios d' água e bebedouros para os animais dentro do Parque. Alguns técnicos do IBAMA são contrários a isto pois dizem que na natureza não há reservatórios. Nossa resposta é que na natureza não existe parque nacional com limites estabelecidos pelo homem. Os animais têm que sobreviver sem precisar sair do parque. O parque Serra da Capivara tem uma administração completamente diferente da tradicional administração pública brasileira relativa ao assunto. Os funcionários serão contratados na base de um currículo, com presença de um diretor administrativo e de um diretor científico, o que não existe em nenhum outro parque nacional brasileiro. A continuidade das pesquisas dentro da área do Parque e a

administração do mesmo não dependem da decisão de um diretor ou de um técnico de Brasília; a administração do Parque está integrada por um Conselho Científico composto pelos pesquisadores da Fundação que ali trabalham há muitos anos e pelos técnicos do IBAMA. Inovamos nesse sentido, modernizando a administração, visando a autossuficiência do Parque.

Nos sítios arqueológicos, estamos construindo “decks” de madeira, para que o público possa visitá-los e não pise sobre as camadas arqueológicas e assim não levante poeira que fatalmente vai se depositar sobre as pinturas. Está previsto o acesso ao sítio apenas por um lado e a travessia será sobre esses “decks” de madeira. Quando as pinturas são altas a passarela sobe para que assim o público possa vê-las e fotografar as pinturas sem distorções, percorrendo todo o sítio até a saída, por outro lado. Estamos também abrindo trilhas dentro do parque, tanto para a visita dos sítios arqueológicos. Existem trilhas arqueológicas nas quais se pode ver os os sítios escavados, e as pinturas rupestres e existem trilhas para se apreciar o “habitat”, a fauna e a flora. Pode-se ver, por exemplo, um lago isolado que subsistiu até hoje, apesar da seca. Sabemos hoje que a implantação desse sistema semi-árido começou há 12 mil anos atrás e que há 10 mil anos parou de chover. Esse lago, era a origem de um rio que enchia o vale. Hoje o vale está seco mas o lago persistiu. O lago tem ainda peixes que sobreviveram completamente isolados do sistema hídrico faz pelo menos 8 mil anos atrás. Temos inclusive, pesquisas de zoologia, extremamente interessantes sobre a evolução dessa fauna completamente isolada da fauna do rio.

*Gabriela Martin*

Se não há mais perguntas, vamos encerrar a palestra da Professora Niède. Eu não poderia de maneira nenhuma deixar de dizer algumas palavras sobre sua conferência. Estou orgulhosa da presença da Professora Niède aqui entre nós, tanto como presidente da SAB, como na qualidade de amiga pessoal. Lamento profundamente o desconhecimento que a maioria dos arqueólogos brasileiros têm do Parque Nacional da Serra da Capivara e do trabalho *in situ*, porque naturalmente através de publicações só os jejunos em Arqueologia e

Ecologia não conhecem. Acredito que ninguém aqui tenha agora nenhuma dúvida da importância do trabalho da professora Niède Guidon e da professora Anne-Marie Pessis, e de modo geral do que se tem feito no Parque Nacional da Serra da Capivara. É de se estranhar que um Parque que é visitado por arqueólogos de todo o mundo, seja tão desconhecido dos brasileiros. Hoje nos visitam e participam da nossa reunião, dois professores espanhóis; é claro que vieram para participar da reunião da SAB, e nos pediram encarecidamente quase como condição *sine qua non*, de fazer uma visita à Serra da Capivara.

Sem que pareça brincadeira, acredito também, sinceramente, que nenhum arqueólogo brasileiro, poderia se chamar arqueólogo, sobretudo entre os mais jovens, e receber um diploma de arqueólogo, sem uma visita ao Parque Nacional da Serra da Capivara. Ninguém pode dizer que não tem dinheiro, que não tem possibilidades, porque há muitos meios de visitá-lo. Poucos arqueólogos, não passaram uma vez em suas vidas uma semana no Rio de Janeiro. De forma que não vão porque não querem. É um conselho que eu dou a todos o de visitarem a Meca de nossa Arqueologia.

Quero ainda chamar a atenção, não somente para o trabalho arqueológico que a Fundação do Museu do Homem Americano faz. É muito fácil criar-se um Parque Nacional, expulsar os moradores que levam lá muitos anos e que vivem desgraçadamente da depredação do Parque. Todos os antigos moradores do Parque da Serra da Capivara recebem hoje apoio da FUMDHAM de uma ou de outra forma. Quando a professora Niède falou de crianças que recebem educação esclareço que, não se trata de vinte, nem trinta. Trata-se nesse momento de 350 crianças, que estão sendo educadas por professores que lhes ensinam francês, inglês, música, além de matérias curriculares comuns, que lhes dão alimentação em todas as escolas situadas na periferia do Parque, onde apreendem também a respeitar e a amar a terra que é deles. Tenho o maior orgulho de registrar esses fatos porque, inclusive, a primeira escola tem o nome do meu marido e chama-se “Escola Professor Armando Souto Maior”. Eu não poderia deixar de fazer esse registro. Fico muito satisfeita de ter aqui à professora Niède que saiu de São Raimundo Nonato, deixando 60 homens abrindo trilhas, para vir nos prestigiar com a sua presença. Agradeço em nome de todos e da SAB a sua bela palestra.